

“MAS NÃO HÁ MAIS ANTISSEMITAS”: NOTAS SOBRE O SÉTIMO ELEMENTO DO *ELEMENTOS DO ANTISSEMITISMO*, DE MAX HORKHEIMER E THEODOR ADORNO

Cristiane Souza Borzuk

Écrasez l' infame!

Voltaire

PRÓLOGO

Horkheimer e Adorno iniciam o último elemento do texto *Elementos do Antissemitismo* com uma afirmação inquietante para o contexto no qual foi escrito: “Mas não há mais anti-semitas”¹. O propósito deste texto é buscar os argumentos que sustentam esta tese, indicando elementos que possam contribuir para a compreensão do estado atual das relações que tem sido frequentemente vistas no Brasil.

Parte-se da hipótese de que esta afirmação se baseia, sobretudo, em duas questões: a expropriação psicológica dos indivíduos sob a vigência do capitalismo administrado e, a que decorre desta, a redução demasiada da capacidade de fazer escolhas e de julgar. Destes dois pontos desdobra-se um modo de perceber

¹ Nas citações fica mantida a grafia tal como aparece na tradução utilizada, neste caso, anterior à reforma ortográfica da língua portuguesa de 2009.

o mundo próprio das sociedades industriais avançadas, a saber, a mentalidade do ticket.

Aqui um esclarecimento: como se verá adiante, parte-se do pressuposto de que, para além da discussão pontual e datada sobre o antissemitismo, o texto de Horkheimer e Adorno traz considerações que nos auxiliam na compreensão das várias formas de preconceito existentes e, sobretudo, aponta para tendências psicológicas e sociais que podem ser identificadas nos nossos dias. Implicada na adoção do termo ‘tendência’, ou na busca pelas ‘tendências’ psicológicas e sociais deste momento histórico, está a noção de que a história não se circunscreve ao passado, ou, nem é, tampouco, apenas pano de fundo para a compreensão de fenômenos atuais. Segundo Adorno, “(...) o que deve valer como essência dos fenômenos sociais – essência só no sentido de essencial – em grande medida nada mais é do que a história armazenada em fenômenos” (2008, p. 328). Trata-se de apreender a dinâmica aparentemente imobilizada ou, como dirá Adorno, o vir-a-ser nos fenômenos que se apresentam petrificados em fatos, como uma segunda natureza.

Ao mesmo tempo que compreendemos que a verdade implica em uma leitura temporal dos fenômenos, considerando as suas especificidades históricas, compreende-se também que o que aparentemente não apresenta relações com outros momentos históricos, guarda ali os seus fundamentos. Com isto, reconhece-se a fertilidade das análises frankfurteanas sobre o fenômeno do antissemitismo para uma leitura da realidade atual.

Este texto não pretende ‘aplicar’ a discussão sobre o antissemitismo realizada por Horkheimer e Adorno nas configurações políticas atuais no Brasil, mas pretende colocar em evidência conceitos que podem ser úteis para análises futuras.

O ELEMENTOS

O texto *Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento* (1985), de Max Horkheimer e Theodor Adorno, foi publicado pela primeira vez em 1944 no livro *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1985), sendo o último elemento, fonte destas notas, incluído apenas na edição de 1947². Segundo Silva e de Caux (2019), o *Elementos* foi uma parte considerada de inclusão tardia no livro, visto que em 1942, dois anos antes da primeira edição, parte substancial

² Conforme anotações de Horkheimer e Adorno no *Prefácio à Dialética do Esclarecimento*, assinado em 1944, e seguido de um adendo em 1947 (Horkheimer e Adorno, 1985).

da obra já estava esboçada e não continha nada que correspondesse ao capítulo sobre o antissemitismo. Como, no prefácio, Horkheimer e Adorno informam que as três primeiras teses foram escritas juntamente com Leo Löwenthal, Silva e de Caux (2019) supõem que foram redigidas e incluídas na obra apenas em 1943, com a visita de Löwenthal a Horkheimer e Adorno na Califórnia naquele ano.

O *Elementos*, apesar de não ser um trabalho empírico, está ligado diretamente às pesquisas de caráter empírico do Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt. Segundo Carone (2002), as teses que o compõem foram elaboradas tendo por referência os estudos realizados na década de 1930 sobre os agitadores fascistas norte-americanos. Segundo Silva e de Caux (2019), foi no contexto de submissão e início da execução do projeto submetido ao American Jewish Committee pelo Instituto de Pesquisa Social sobre o antissemitismo que o texto foi elaborado. Essa pesquisa culminou na publicação de uma série de cinco volumes intitulados *Studies in Prejudice*³, em 1950.

Condizente com os propósitos mais gerais da *Dialética do Esclarecimento*, e compreendendo que uma época não se explica por ela mesma, tecem uma “pré-história filosófica do anti-semitismo” (1985, p. 16), buscando na própria razão a origem do irracionalismo. De acordo com os autores, o texto “...trata do retorno efetivo da civilização esclarecida à barbárie” (1985, p. 16), o que o torna particularmente caro aos estudos frankfurteanos.

Segundo Cohn (1997), o *Elementos* é, de certo modo, a parte “mais radical” da *Dialética do Esclarecimento*, já que se propõe a indicar os limites do esclarecimento. Em suas palavras, “(...) trata-se de dar conteúdo historicamente específico à crítica” (1997, p. 05).

Pode-se considerar, também, que para além da discussão pontual e necessariamente importante sobre o antissemitismo, a grandeza do texto se dá particularmente pelo fato de que ele revela tendências psicológicas e sociais da civilização esclarecida que se materializaram efetivamente com o capitalismo administrado. Assim, mais do que uma questão pontual e datada, o antissemitismo aqui aparece como um exemplo da efetivação dessas tendências. Além disso, o *Elementos*, juntamente com textos como *A Personalidade Autoritária* (1965),

³ Os trabalhos que compuseram os *Studies in Prejudice* foram:

Volume 1: The Authoritarian Personality

Volume 2: Dynamics of Prejudice

Volume 3: Anti-Semitism and Emotional Disorder

Volume 4: Rehearsal For Destruction

Volume 5: Prophets of Deceit

Mínima *Moralia* (1951), *Eclipse da Razão* (2015) etc., “(...) consistem em crítica contundente às condições sociais que geraram o fascismo” (Crochik, 2000, p. 72).

O *Elementos do antissemitismo* é apresentado por meio de sete teses que representam, cada qual, um elemento⁴. Nele os autores utilizam o método da constelação, em que diversas luzes são lançadas sobre o objeto. Cada uma representa um constituinte do objeto, e não uma explicação. Como tal, possuem certa independência entre si. Segundo Cohn, o termo ‘Elementos’ diz respeito

(...) não às partes de um sistema (o que certamente não é o caso) nem meramente a uma vista de olhos fragmentária sobre um grande tema, mas a um processo de decomposição de um objeto. (...) Ainda que fale do anti-semitismo de modo muito preciso ao caracterizá-lo nos seus traços distintivos, a análise, ao fazê-lo, vai apontando para um processo subjacente (1997, p. 09).

Quanto à forma de tratamento do tema, Cohn afirma: “O procedimento básico adotado, aqui e em outros lugares, foi enunciado em várias oportunidades por Adorno. Trata-se de confrontar o objeto com o seu conceito, e cobrar dele a realização de tudo o que está contido neste” (1997, p. 6). Em outras palavras, que o conceito seja confrontado com o que ele reivindica ser.

A conveniente e tradicional distância entre o conceito e o objeto a que ele se refere, é própria do pensamento idealista. O que resulta da falta de experiência com o objeto, apresentando um retrato deturpado do objeto, é convertido forçadamente na identidade entre eles. Essa identidade é categoricamente recusada por Horkheimer e Adorno. Ela representa o primado do espírito na explicação dos fenômenos.

Na recusa da identidade entre coisa e conceito, neste caso, entre o que se diz sobre o antissemitismo e o que ele realmente é, evidencia-se o fato de que os autores se propõem a denunciar, como se verá adiante, a tentativa forçada que há de se identificar o objeto ao seu conceito. A constatação a que se chega é que há um abismo enorme entre o que se diz efetivamente a respeito do antissemitismo e o que ele tem significado em nossos dias. Isso evidencia o caráter político e decisivamente comprometido do método utilizado pelos autores.

Por fim, pode-se depreender das questões anteriores que em nossos dias o conceito de antissemitismo não é ideológico por sua natureza, mas porque ele não corresponde objetivamente ao conteúdo de verdade do objeto.

⁴ Segundo Cohn (p. 09), o fato de o texto ser organizado em forma de “elementos” já indica o interesse por uma forma de escrita que posteriormente resultará na escolha pelo ensaio.

O SÉTIMO ELEMENTO E A MENTALIDADE DO TICKET

Dos sete elementos, o único que de alguma maneira faz referência aos demais é o último. Como já mencionado, ele foi escrito tempos depois e inserido na edição de 1947 da *Dialética do Esclarecimento* (três anos, portanto, após a primeira edição).

Neste texto, Horkheimer e Adorno apresentam questões que abalam convicções sólidas em vigor, tanto na época em que o texto foi escrito, quanto ainda hoje. Refiro-me particularmente à tese principal do texto, qual seja, a tese de que não há mais antissemitas e, decorrente desta, a que a justifica, a denúncia da expropriação psicológica dos homens com o avanço das sociedades administradas. Com ela a constatação de que a subjetividade, tal como descrita pelo modelo freudiano, não mais existe, e o conflito entre as instâncias mentais que outrora garantiam a possibilidade de algum nível de autonomia (possibilitando escolhas e a responsabilidade por elas) é substituída por uma direção externa.

Para Cohn (1997, p. 09) este elemento que pode parecer, à primeira vista, uma espécie de *afterthought*, introduz um tema novo, que também aparece em outras pesquisas que Adorno realizou na mesma época (vale lembrar que a preparação de pesquisas relacionadas ao problema do antissemitismo, em particular *La Personalidade Autoritária* coincidiu em grande parte com a redação da *Dialética do Esclarecimento*). Trata-se do *ticket thinking*, ou a mentalidade do ticket.

Segundo Cohn (1997), a mentalidade do *ticket* refere-se a um modo de pensar e de perceber o mundo que opera a partir de ‘blocos de significados’ aparentemente coerentes, mas que são intrinsecamente contraditórios. A palavra *ticket*, neste contexto, refere-se a uma lista de candidatos imposta aos eleitores por um partido político. Mas, dirão Horkheimer e Adorno, da mesma forma que são inseridos nomes de pessoas desconhecidas nessas listas e que apenas seriam eleitos se estivessem nos ‘blocos’, “(...) assim também os pontos ideológicos centrais estão codificados em poucas listas (1985, p. 187).

Segundo Horkheimer e Adorno, o processo de mecanização e burocratização exige dos indivíduos um novo tipo de ajustamento para enfrentar as exigências que surgem nos vários setores da vida: “...é preciso que, em certa medida, os próprios indivíduos se mecanizem e padronizem” (1978, p. 181). Tal constatação implica no distanciamento das possibilidades de o indivíduo ser senhor do seu destino. Para Horkheimer e Adorno,

Quanto mais enfraquece a relação entre o destino de uma pessoa e o seu juízo autônomo, quanto mais se limita a possibilidade de optar pela realização de outra coisa que não seja a inclusão em organismos e instituições onipotentes, tanto melhores são as condições daqueles indivíduos que mais rapidamente abdicaram de suas opiniões pessoais e de sua própria experiência, e que concebem o mundo da forma que melhor convém à organização que decide o seu porvir (1978, p. 181).

Esta ‘forma de conceber o mundo e de pensar’, resultado do processo de industrialização e de sua propaganda (1985, p. 191), é o caminho para o entendimento da tese central do texto, que é apresentada logo nas primeiras linhas do sétimo elemento. Horkheimer e Adorno iniciam este elemento com a seguinte afirmação: “Mas não há mais anti-semitas” (1985, p. 186). Mas qual é o sentido de afirmação tão contundente, principalmente quando se tem o holocausto não apenas como uma lembrança antiga, mas como algo que invade sua casa a todo instante? A resposta deve ser buscada nas mudanças ocorridas tanto nas instituições quanto na constituição dos indivíduos, derivadas das mudanças nos processos econômicos ocorridos na virada do século XIX para o XX.

Para os autores, o antissemitismo pertence a uma época em que ainda era possível ao homem fazer escolhas. No liberalismo clássico, como a capacidade de fazer escolhas ainda não estava impedida, e a relação com os objetos ainda se dava de maneira menos direcionada pelo todo, possibilitando ainda algum nível de experiência com o objeto, cabia ao indivíduo a decisão por ser antissemita ou não, ponderando sobre sua escolha. Ainda que na adesão ao ideário antissemita já estivesse presente certo pensamento estereotipado, a decisão por tornar-se antissemita ainda era aberta à escolha individual.

Para os autores, “o anti-semitismo praticamente deixou de ser um impulso independente, ele não é mais do que uma simples prancha da plataforma eleitoral” (1985, p.187).

No capitalismo dos monopólios, com a demasiada integração, “continua-se a escolher, mas apenas entre totalidades” (1985, p. 187). Decide-se por ser antissemita como se decide por qualquer outra coisa, não importando o que significam tais escolhas. Para eles, “A psicologia anti-semita foi, em grande parte, substituída por um simples ‘sim’ dado ao *ticket* fascista, ao inventário de *slogans* da grande indústria militante” (1985, p. 187).

Na mentalidade do ticket, a experiência é negada, e com ela a capacidade de julgar. Com a negação da experiência, a tensão entre sujeito e objeto é perdida. Nega-se, não apenas a primazia do objeto, pressuposto da verdade, mas o objeto

inteiro. Este é substituído por clichês e pelas impressões que se tem, que, na maioria das vezes, em nada correspondem ao objeto.

Segundo Horkheimer e Adorno, o antissemitismo hoje prescinde da experiência e do contato com os judeus. Para aderir ao *ticket* antissemita não é preciso ter nenhuma experiência com judeus, basta ter acesso aos clichês. Assim como a experiência com os judeus não é necessária para tornar-se antissemita, o indivíduo, que se intitula antissemita, também não é mais necessário no processo de percepção do objeto de preconceito: “O percebedor não se encontra mais presente no processo de percepção” (1985, p. 188). Tal situação permite a existência de movimentos antissemitas em regiões que não existem judeus e cujas pessoas nunca tiveram contato nenhum com eles.

Não por acaso, a mentalidade do *ticket* se apresenta em contextos de instabilidade política e econômica. Constituída pela adesão a crenças, ideias e concepções que não se formaram na própria experiência do indivíduo, um contexto de instabilidade política e econômica, somado, segundo Adorno, à ignorância e à confusão, leva os indivíduos a um nível de ansiedade que faz com que busquem modos de adaptar-se à situação. Para o autor, o indivíduo deve fazer frente a problemas que não compreende e se vê impelido a criar técnicas para orientar-se. Por mais grosseiras e falaciosas que sejam, tais estratégias o ajudam a encontrar “... su camino en la oscuridad” (1965, 622), configurando-se como um esforço demasiado em busca de equilíbrio psíquico-social.

Os recursos utilizados nesta situação são a estereotipia, própria do pensar em bloco, e a personalização. Como meio de chegar à adaptação, estes recursos exercem, segundo Adorno, uma dupla função: de um lado, proporcionam ao indivíduo uma espécie de conhecimento que poderá utilizar em situações em que seja requisitado; de outro, é um meio que proporciona alívio psicológico diante da sensação de ansiedade e de incerteza vivenciadas pelos indivíduos, além de fornecer a ele a ilusão de que possui certa segurança intelectual, ainda que não a possua:

Nuevamente la estereotipia ayuda a organizar aquello que el ignorante ve como caótico: cuanto menos capaz es de entrar en un proceso realmente cognitivo, tanto más tozudamente se aferra a ciertas pautas pues el creer en ellas le evita el trabajo de profundizar verdaderamente en las cosas. (1965, p. 623).

Para Silva e de Caux (2019), os indivíduos frágeis, os dominados, aderem às convicções antissemitas ‘de coração’, e aqueles que se beneficiam da dominação, por seu turno, aderem instrumentalmente a elas: “Os mandantes altamente

situados (...) não odeiam os judeus e não amam os que obedecem seu comando” (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 142).

Pertencente à mentalidade do ticket, que, de certo modo, “estabiliza psíquico-socialmente a ordem de dominação” (Silva e de Caux, p. 259), está a recusa da experiência com o objeto e, por conseguinte, a capacidade de julgar. A consciência moral⁵ e, derivada dela, a capacidade de julgar, que são por sua própria natureza, pertencentes à esfera da liberdade, não encontram seu lugar na sociedade dos monopólios. As ações que outrora eram pautadas pela consciência moral, hoje restringem-se substancialmente às necessidades de autopreservação. Segundo Adorno, pode-se dizer que a sociedade em que vivemos, marcada pela aparente liberdade de escolha, na verdade é uma continuação da história natural, visto que somos dependentes de necessidades cegas e orgânicas (...) “of the kind that we project onto nonhuman nature” (2000, p. 135).

Para os autores, em etapas anteriores à sociedade industrial avançada, “o juízo passava pela etapa da ponderação, que proporcionava certa proteção ao sujeito do juízo contra uma identificação brutal com o predicado” (1985, p. 188). E não há que se hesitar. Há que se apegar a qualquer lista sem dúvidas:

... quem hesita se vê proscrito como um desertor. Desde Hamlet, a vacilação tem sido para os modernos um sinal do pensamento e da humanidade. O tempo perdido representava e mediatizava ao mesmo tempo a distância entre o individual e o universal, como na economia a circulação entre o consumo e a produção. Hoje, os indivíduos recebem do poder seus tickets já prontos... (1985, p. 191).

Atualmente, o que se pode ver é a perda da possibilidade de discriminação, a “efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo” (1985, p. 188), que se situa, inclusive, no campo da substituição do conceito pela fórmula, própria da ciência formal. O conceito, quando surge, aparece aos homens como algo tão externo e independente de qualquer relação do sujeito com aquilo a que se quer referir, que não pode ser levado a sério. Com o embotamento da capacidade de julgar, “a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo” (1985, p. 188).

A mentalidade dos rótulos também é um ponto que aparece na pesquisa sobre a personalidade autoritária. No capítulo intitulado ‘La política y la economía en las entrevistas’, assinado por Adorno, há um tópico chamado ‘El pensar

⁵ Para efeito deste trabalho, trataremos a consciência moral como um esforço individual, guiado pela reflexão consciente das categorias de moralidade, sobre o bem agir. A consciência moral aqui é tratada, a um só tempo, como individual e social, e como tal, carece do estabelecimento de seus determinantes.

em rótulos y la personalización en la política’, em que a estereotipia e a personalização são associados ao pensar em bloco.

Segundo Adorno, a estereotipia e a personalização, apesar de serem fruto da realidade objetiva, promovem um distanciamento ou uma compreensão inadequada desta mesma realidade. Para o autor, a estereotipia se distancia da realidade por evitar o contato com a realidade concreta, se contentando com ideias rígidas e preconcebidas. A personalização, por seu turno, deixa de considerar o que é realmente abstrato, ou seja, a reificação de uma realidade social determinada pelas relações de propriedade. Para o autor,

La estereotipia y la personalización son las dos partes divergentes de un mundo que, en verdad, no se ha experimentado, partes que no sólo son irreconciliables entre si sino que tampoco dan lugar a la adición de algún elemento tendiente a reconstruir la imagen de la realidad. (1965, p. 624).

Uma pequena digressão: em *Sobre música popular* (1994), Adorno e Simpson trazem questões interessantes. Publicado em 1941, o texto antecipa a discussão sobre a indústria cultural ao analisar a música popular norte-americana, o jazz. Para os autores, a distinção entre a música popular e a música séria não se expressa pela relação entre complexidade e simplicidade. Para eles, “Padronização e não-padronização são os termos contrastantes fundamentais para estabelecer a diferença” (1994, p. 120). O que ali é chamado de estandardização, diz respeito à padronização estrutural da música popular, elemento que exerce um papel demasiadamente importante nos mecanismos de cooptação dos indivíduos pela indústria cultural. De acordo com os autores, “A estandardização estrutural busca reações estandardizadas” (1994, p. 120).

Se o conceito de estandardização aparece ali, seguido da pseudoindividualização, como característica da música popular, que mais tarde são estendidas para a totalidade dos produtos da indústria cultural, podemos supor que o conceito de estereotipia represente a contraparte subjetiva desse conceito.

Se em *Sobre música popular* a discussão se dá sobre a configuração do estímulo, qual seja, a música popular norte-americana do início do século XX, apontando a tendência a uma nova forma de controle, a estereotipia pode ser considerada a expressão da materialização dessa tendência nos indivíduos.

A PEQUENA EMPRESA PSICOLÓGICA: A EXPROPRIAÇÃO PSICOLÓGICA DOS INDIVÍDUOS NO CAPITALISMO ADMINISTRADO

Segundo Horkheimer e Adorno (1985, p. 188), “Quanto mais a evolução da técnica torna supérfluo o trabalho físico, tanto mais fervorosamente este é transformado no modelo do trabalho espiritual”. Ao mesmo tempo, é necessário impedir o trabalho intelectual, a reflexão. Aqui está, de acordo com os autores, o “segredo do embrutecimento”, que é condição para o antissemitismo. A técnica e a racionalidade econômica não determinam apenas os aspectos produtivos desta sociedade, mas também os indivíduos.

Para os autores, assim como a antiga loja especializada foi substituída pela loja de departamentos, os indivíduos foram expropriados psicologicamente. Para eles, quando ainda era possível a existência de uma economia de mercado significativa, a loja especializada “havia absorvido a iniciativa, a disposição e a organização e se transformara (...) numa livre empresa”, mas como a liberdade possível para as empresas implicava em riscos, acaba por ser substituída pela loja de departamentos, uma forma centralizada e eficaz de comércio. Horkheimer e Adorno afirmam que com os indivíduos o processo foi semelhante. No capitalismo concorrencial o indivíduo foi fundamental para a atividade econômica realizando incansavelmente “(...) o tipo ideal do *homo oeconomicus*” (1985, p. 189).

Independente da tutela imposta por contextos anteriores, o indivíduo adaptava-se às novas demandas de trabalho e da técnica, seja na condição de trabalhador assalariado, seja na condição de empresário. Este ‘tipo ideal’, a ‘pequena empresa psicológica’,

(...) se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da autoconservação. As zonas de conflitos são grandes e as neuroses, os *faux fraix*, dessa economia pulsional, são inevitáveis. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado (1985, p. 189).

Assim, a mônada psicológica, portadora de alguma autonomia, capaz de vender sua força de trabalho e competir num mundo em que o capitalismo se impunha enquanto modo de produção por excelência, era o modelo adequado ao capitalismo concorrencial. Entretanto, assim como a loja especializada era adequada ao capitalismo concorrencial e demonstrou não ser mais eficaz ao ca-

pitalismo monopolista, já que as coisas ocorriam de maneira “complicada, dispendiosa e cheia de riscos”, sendo substituída pela loja de departamentos, com a ‘pequena empresa psicológica’, ou seja, com o indivíduo, tudo ocorreu de modo semelhante.

Se o homem freudiano foi adequado a uma economia de mercado, em tempos de total administração ele tornou-se “um obstáculo à produção” (1985, p. 189). Assim,

Se, no liberalismo, a individuação de uma parte da população era uma condição da adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, hoje, o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação (p. 190).

E como tudo o que dificulta o desenvolvimento capitalista deve ser liquidado, também o indivíduo deve ser eliminado. Segundo Horkheimer e Adorno,

Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da auto conservação e das pulsões (1985, p. 189).

As decisões são tomadas de fora, em demonstração de total heteronomia. Segundo os autores, na esfera do trabalho, as decisões são tomadas pela hierarquia; na esfera pessoal, privada, pela indústria cultural.

Assim como a loja de departamento é gerida centralmente, nos indivíduos, a economia pulsional é gerida diretamente, sem mediações, pelo todo. É certo que em todos os tempos a totalidade sempre teve uma força maior que os indivíduos particulares, no entanto hoje isso ocorre em proporções jamais vistas, sobretudo pela existência da indústria cultural. No capitalismo dos monopólios o indivíduo é, segundo Horkheimer e Adorno (1978), imediatamente absorvido, como átomo, pela unidade maior. A desproporção abissal entre indivíduo e sociedade anula a tensão entre eles. Mas, dirão os autores, “(...) a perfeita harmonia entre a onipotência e a impotência é ela própria a contradição não mediatizada, a oposição absoluta à reconciliação” (1985, p. 191).

A socialização do indivíduo diretamente pela totalidade, que favorece o desenvolvimento da mentalidade do *ticket*, coloca em questão a redução da capacidade da família em intervir no destino de seus membros. Segundo Horkheimer e Adorno (1978), “a decadência histórica da família contribuiu, justamente nesse sentido, para agravar o perigo do domínio totalitário que, por sua vez, tem raízes

nas mesmas tendências econômicas que vão destruindo a família” (p. 144). Para os autores,

(...) a família moderna, em relação à família burguesa antiga, vê reduzida a sua capacidade de formar indivíduos autônomos e radicalmente transformado o caráter da experiência proporcionada, em seu próprio seio, às pessoas que a compõem. (...) Neste caso, o ponto de partida é a tendência progressiva da sociedade para a “socialização”, isto é, para a inserção, segundo um plano superiormente estabelecido, das partes no todo, e para a integração, em formas de organização incomensuravelmente grandes, sejam econômicas ou políticas (p. 73).

Essa redução do papel mediador da família repercutiu decisivamente na ascensão de Hitler ao poder. Para eles, como a crise da família ocorreu na Alemanha antes do que em qualquer outro país, Hitler não poderia se sustentar na sólida autoridade da anterior estrutura patriarcal da família alemã; ao contrário, era exatamente a ausência dessa autoridade o que favorecia a ascensão do nazismo. Neste contexto, o que o Terceiro Reich poderia representar era a substituição de uma autoridade não mais existente, porém ansiada: “... a violência da autoridade, por um lado, a necessidade da autoridade, por outro, aparecerão quase como que invocadas pela ausência de autoridade na Alemanha da república de Weimar” (1978, p. 145). Assim,

A efetiva debilidade do pai na sociedade, que tem sua origem na redução da esfera de concorrência e da livre iniciativa, penetra assim até as células mais profundas do equilíbrio psíquico-moral, a criança já não pode identificar-se totalmente com o pai, não pode fazer a interiorização das exigências impostas pela família que, apesar de seus aspectos repressivos, contribuía de uma forma decisiva para a formação do indivíduo autônomo (1978, p. 145).

Desse modo, segundo Marcuse, “À medida que a família torna-se cada vez menos decisiva em dirigir a adaptação do indivíduo à sociedade, o conflito pai-filho também deixa de constituir o conflito-modelo” (1981, p. 96). Se, em outros tempos, a coação e o dever eram introjetados nos indivíduos, tendo como modelo a Ética Protestante, tal como descrita por Weber; se se podia perseguir o Imperativo Categórico como um princípio de autonomia (ainda que não se chegasse lá), hoje o que resta são as listas para a escolha inconsequente e confortável. Já não é mais necessário o conflito para que se decida. “O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre o sujeito e a realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria” (1985, p. 191).

As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna (1985, p. 190).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante destas considerações, não é difícil entender a afirmação tão inquietante que dá início ao texto. Assim, se é verdade que não há mais antissemitas, a mentalidade antissemita se preserva na mentalidade do *ticket*. Horkheimer e Adorno são categóricos: “Não é só o *ticket* anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade do *ticket*”. Ele se dilui, segundo Cohn, na “raiva feroz pela diferença’ que é intrínseca à mentalidade do *ticket*” (1997, p. 19).

Uma questão surge aqui: se mais do que o conteúdo do *ticket*, a mentalidade do *ticket* é antissemita, o que dizer sobre o que pode ser considerado um *ticket* progressista? Horkheimer e Adorno afirmam que efetivamente as pessoas ‘psicologicamente mais humanas’ são mais atraídas pelo *ticket* progressista, no entanto, para eles, a perda da experiência proporcionada também pela adoção de um *ticket*, transforma seus adeptos em ‘inimigos da diferença’.

Mas se o *ticket* progressista aponta para algo não apenas distinto, mas substancialmente pior que o seu conteúdo, o conteúdo do *ticket* fascista é a mentira manifesta e persistente; “Ao mesmo tempo que não admite nenhuma verdade com a qual possa ser confrontado, a verdade aparece negativamente, mas de maneira tangível, em toda a extensão das contradições desse *ticket*” (1985, p. 194).

Se os autores iniciam o sétimo elemento do *Elementos do Antissemitismo* com uma afirmação intrigante, qual seja, “Mas não há mais anti-semitas”, a afirmação que o encerra não poderia ser menos inquietante. Ao indicarem que a verdade sempre surge de modo tangível nas contradições do *ticket* antissemita, os autores afirmam: “Dessa verdade, os destituídos do poder de julgar só podem ser separados pela perda total do pensamento. O próprio esclarecimento, em plena posse de si mesmo e transformando-se em violência, conseguiria romper os limites do esclarecimento” (1985, p. 194).

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W.; Simpson, G. Sobre música popular. *In: Sociologia* (org. por Gabriel Cohn). São Paulo: Editora Ática, 1994.
- Adorno, T. W. **Problems of Moral Philosophy**. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.
- Adorno, T. W. **Lectures on negative dialectics**: fragments of a lecture course 1965-1966. Cambridge, MA: Polity Press, 2008.
- Adorno, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J. & Sanford, R. N. **La personalidad autoritaria**. Buenos Aires: Proyección, 1965.
- Carone, I. **A Personalidade Autoritária**: estudos frankfurtianos sobre o fascismo. Disponível em: <http://notes.ufsc.br/aplic/cfh.nsf/0/f8c5f4aa9513c2ae03256c4b007332dc>, 2002.
- Crochik, J. L. Teoria Crítica da Sociedade e Estudos sobre o Preconceito. **Revista Psicologia Política**, 2000.
- Cohn, G. Esclarecimento e Ofuscação: Adorno e Horkheimer hoje. **Lua Nova**, nº 43, 1997.
- Horkheimer, M. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- Horkheimer, M. Adorno, T. Elementos do Anti-Semitismo: limites do esclarecimento. *In: Horkheimer, M. Adorno, T. Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- Horkheimer, M. Adorno, T. Família. *In: Horkheimer, M. Adorno, T. Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- Marcuse, H. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- Silva, E.S.N.; De Caux, L. P., Uma pré-história filosófica do antissemitismo: Adorno e Horkheimer sobre a genealogia do ódio antissemita. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 10. n. 4 (2019), p. 255-272.